

Eu não estou nada à vontade por continuar demandando tanto da tua atenção, mas tem uma coisa borbulhando com tanta exuberância dentro de mim que é impossível não expressar, e eu escolhi te contar porque quero muito honrar teu lugar nela. É um relato bastante longo, então, por favor, leia só se e quando puder. Não preciso de resposta, apesar de ter vontade de, em algum momento, falar sobre isto contigo. Mas não tenho urgência alguma.

Existem algumas coisas que aconteceram na minha vida que não estão exatamente esquecidas, mas cujas memórias me parecem meio enevoadas, difíceis de acessar. Eu imagino que isto aconteça porque envolvem um período de vivências muito dolorosas, com as quais é bem duro entrar em contato. Então, é mais fácil não lembrar quase nada deste tempo, em que eu escolhi abrir mão de mim mesma na tentativa de cuidar de outras coisas que me pareciam mais importantes naquele momento. Mas ontem eu comecei a ler o livro *A Firmeza Permanente* e, de repente, memórias começaram a voltar. Enquanto lia o prefácio, a introdução e, hoje, o primeiro capítulo, me dei conta de que, de alguma forma, tudo aquilo me era muito familiar.

Entre os anos de 1980 e 1984 eu fiz parte de uma comunidade de jovens ligada às comunidades eclesiais de base da igreja católica. Os encontros aconteciam todos os domingos em uma igreja aqui na Zona Leste de São Paulo. Era um grupo auto-gestionado, um bando de adolescentes (o mais velho de nós tinha 19 anos) discutindo questões sociais a partir de reflexões sobre o evangelho e sobre os trabalhos sociais que realizávamos. Só hoje lembrei que foi lá que eu tive os primeiros contatos com a obra de Paulo Freire e com o ativismo de Gandhi. Foi lá também que conheci o pai dos meus filhos. Tínhamos o apoio do pároco da igreja e de uma freira muito jovem que, mais tarde, resolveu (“foi convidada a” seria mais preciso) deixar a ordem, se casou e se tornou uma amiga querida. Só hoje tomei contato com o fato de que o que estávamos fazendo lá era uma busca por comunidade e um treino de firmeza permanente, com o objetivo de transformar uma realidade que não nos satisfazia.

Mais tarde o pároco que nos apoiava foi transferido e o que assumiu fazia parte da ala conservadora da igreja e não tinha o menor interesse em apoiar nosso grupo, ao menos não nos moldes em que ele existia. Assim, nossa comunidade se dissolveu, o contexto político se modificou, outras realidades entraram na minha vida e as lembranças foram para aquele lugar nebuloso a que eu me referi lá em cima. Até a tarde de ontem, quando a leitura as trouxe de volta, e agora eu estou celebrando intensamente esta parte meio nebulosa da minha história.

E qual é o seu papel nisso? Como eu disse na roda de gratidão na última Intro, o impacto daquela escuta que você me ofereceu na prática que fizemos na primeira intro de que participei ainda está muito presente em mim. Me lembro de ter ficado chocada com a rapidez com que você chegou a um valor tão importante e fundamental para mim, a que nem eu mesma tinha tido acesso ainda: a integridade. Lembro de ter pensado: “Meu, como esse cara faz isso? Vou colar nele porque quero aprender a fazer também!” (lamento desapontá-lo, mas não foi só por causa dos seus lindos olhos azuis 😊). Naquele momento, foi como se você tivesse me ajudado a abrir uma porta que estava fechada há tanto tempo que eu nem lembrava mais que existia. E, ao passar por ela, me redescobri esta pessoa que vibra por congruência, integridade, justiça, verdade. Uma pessoa que eu gosto muito de ser e que já existia a muito mais tempo do que eu era capaz de lembrar. Tenho arcado com algumas

consequências duras por estar fazendo as escolhas que tenho feito, mas não abriria mais mão delas. Minha busca agora/novamente é pela tal da firmeza permanente, e de novo nascem em mim um amor profundo e uma imensa gratidão pela tua companhia nisto.